

---

**ARQUEOLOGIA E TEORIA QUEER:  
POR UMA ARQUEOLOGIA TRANSVIADA**

---

*Anderson de Oliveira Gomes<sup>1</sup>  
Natalia de Oliveira Tavares<sup>2</sup>  
Newan Acacio Oliveira de Souza<sup>3</sup>*

**RESUMO**

Este artigo coloca em pauta a legitimação do reconhecimento da população LGBTQI+ a respeito de uma categoria de gênero: o sujeito Queer. Através da organização de duas oficinas realizadas na Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), equipadas com nosso tripé metodológico - isto é, informação, construção e sensibilização -, fomos capazes de dialogar com aproximadamente 80 estudantes sobre Arqueologia e a Teoria Queer. Intitulado como *Arqueologia e Teoria Queer: por uma Arqueologia Transviada*, a oficina possibilitou elucidar os questionamentos levantados por Gontijo & Schaan (2017) através da ratificação do indivíduo transviado que fica subalterno mediante a vigente binariedade de gênero, delimitada pelos valores da cultura ocidental.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arqueologia, Teoria Queer, Transviado, Decolonialidade, LGBTQI+

**ABSTRACT**

This paper puts in question the legitimation of the recognition of the LGBTQI + population regarding a category of gender: the Queer subject. Through the organization of two workshops held at the Universidade Federal do Rio Grande (FURG) and the Universidade Federal de Pelotas (UFPel), equipped with our methodological tripod - that is, information, construction and sensitization - we were able to dialogue with approximately 80 students on Archeology and the Queer Theory. Entitled *Arqueologia e Teoria Queer: por uma Arqueologia Transviada*, the workshop made it possible to elucidate the questions posed by Gontijo & Schaan (2017) through the ratification of the subordinated individual who is subordinate through the current binarity of gender, delimited by the values of Western culture.

**KEYWORDS:** Archaeology, Queer Theory, Transviado, Decoloniality, LGBTQI+

---

<sup>1</sup> Bacharelado em Arqueologia, pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

<sup>2</sup> Bacharelada em Arqueologia, pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

<sup>3</sup> Bacharelada em Arqueologia, pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

## RESUMEN

Este artículo pone en pauta la legitimación del reconocimiento de la población LGBTQI+ respecto a una categoría de género: el sujeto Queer. A través de la organización de dos talleres realizados en la Universidade Federal do Rio Grande (FURG) y en la Universidade Federal de Pelotas (UFPel), equipados con nuestro trípode metodológico -es decir, información, construcción y sensibilización-, fuimos capaces de dialogar con aproximadamente 80 estudiantes sobre Arqueología y la Teoría Queer. Titulada como *Arqueologia e Teoria Queer: por uma Arqueologia Transviada*, el taller permitió elucidar los cuestionamientos planteados por Gontijo & Schaan (2017) a través de la ratificación del individuo transviado que queda subalterno mediante la vigente binariedad en los géneros occidentales.

**PALABRAS-CLAVE:** Arqueología, Teoría Queer, Transviado, Decolonialidad, LGBTQI+

## PRIMEIROS LACRES

*“Nois já tá blindada e até armada porque respeito tá sendo conversa fiada”*

(QUEBRADA QUEER, 2018)

Mediante a tamanha violência (em variadas proporções) exercida a população LGBTQ+ iremos nos aprofundar na temática Queer, a qual estabelece discussões sobre a imposição dos valores construídos para que as pessoas se encaixem em padrões heterossexuais, subalternizando as que se encaixam em outras concepções. Como podemos associar a Arqueologia com este assunto que está em pauta nos dias de hoje, para legitimar a subalternidade dos crimes cometidos contra essa população? Através de leituras e vivências fomos capazes de nos aprofundar nos entendimentos de um corpo transgressor, parte de uma sociedade que ora o erotiza, ora o demoniza ou invisibiliza.

Enquanto sujeitos queers estudantes de Arqueologia<sup>4</sup>, buscamos propor uma ciência que passe a pensar nos aspectos de uma sociedade que é construída pelos processos colonizadores; que pense nas formatações binárias de gênero e as consequências de uma heteronormatividade compulsória (GONTIJO & SCHAAN, 2017).

<sup>4</sup> “Arqueologia é a ciência que, por excelência, ocupa-se de compreender a vida social a partir da dimensão material do mundo; que busca estar sempre condicionada a partir de uma circunstância presente; e que esse presente é formado por uma multitude de entes que coexistem e que carregam diversas temporalidades; que nós estamos imersos nessa mesma circunstância e, portanto, sujeitos a eles e eles a nós; que a nossa relação com o mundo é mnemônica, antes de histórica” (TRAMASOLI, pag. 199, 2017).

Trazemos, portanto, a proposta de uma ciência menos alienada e mais crítica, iniciando a discussão de assuntos antes desconsiderados por uma maioria: se discute gênero e sexualidade na Arqueologia sim! E como fazemos isto?

*Estos términos nunca fueron incluidos en la tradición positivista de la Arqueología, que proyectaba al pasado el pretendido orden neutral – aunque en realidad patriarcal – de la sociedad moderna. (...) Sólo de esta manera será posible comprender la compleja y dinámica construcción de la identidad humana, y a través de ella, de la identidad de género. (Gonzalo, 2007, p. 167)<sup>5</sup>*

Ao nos depararmos com a inexistência de uma “fórmula arqueológica” que, possibilitasse a construção de uma plataforma que produzisse um “laudo” científico, de acordo com constatação da inaceitável marginalização de parte da população brasileira, sentimos a real necessidade de abordar tais temas em diferentes espaços na universidade. Com resultado de nossas ações e reações arqueológicas, em conjunto com a Teoria Queer, apresentaremos em nosso artigo, a forma como o seminário que realizamos na disciplina de Teorias Arqueológicas III transformou-se em nossa primeira oficina, intitulada *Arqueologia e Teoria Queer: por uma Arqueologia Transviada*, ministrada na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), seguida pelo carinhoso convite de ministrarmos novamente na Universidade Federal de Pelotas <sup>6</sup>(UFPEl).

Além do público de estudantes que atingimos nas universidades onde ocorreram as oficinas, fomos capazes de participar de um bloco de entrevistas na RadioCom(104,5 FM)<sup>7</sup>, no programa *Nós, nosotros: antropofonias e charlas -*, no episódio *Teoria Queer e Diversidade*, na cidade Pelotas.

<sup>5</sup> “Esses termos nunca foram incluídos na tradição positivista da Arqueologia, que projetava ao passado a pretendida ordem neutra – embora na realidade patriarcal – da sociedade moderna (...) Só desta maneira será possível compreender a complexa e dinâmica construção da identidade humana, e através dela, da identidade de gênero”. Tradução de responsabilidade dos autores.

<sup>6</sup> Essa edição da oficina fora realizada a convite do Projeto Mapeando a Noite: o Universo Travesti, vinculado ao Projeto de Pesquisa Margens: Grupos em Processo de Exclusão e suas Formas de Habitar Pelotas, que por sua vez é ligado ao GEEUR (Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos) do curso de Bacharelado em Antropologia da UFPEL.

<sup>7</sup> Entrevista disponível no link [https://drive.google.com/file/d/1JLUunT-jmsOJp5sP-WY\\_VSaNMEw2rEM7/view](https://drive.google.com/file/d/1JLUunT-jmsOJp5sP-WY_VSaNMEw2rEM7/view)

Neste artigo juntaremos nossas experiências e ações individuais em uma escrita coletiva, recheada da própria fluidez de nossas identidades. O primeiro tópico, *Um contraste da Arqueologia com a Teoria Queer*, que abordará como misturamos a Arqueologia com a Teoria Queer é fruto das primeiras leituras e problematizações do tema. O tópico seguinte, *Uma Arqueologia transviada brasileira?*, é constituído pelas nossas aspirações enquanto pesquisadores e sujeitos *queers*, para a representação de uma ciência brasileira, cada vez menos, excludente e elitista. Contaremos os detalhes mais específicos das origens e decorrências dos nossos trabalhos, no tópico intitulado *Oficinando*. Por fim, encerraremos nosso contato escrito no tópico, *Juventude Transviada quer viver*, que estabelecerá a reunião do que se foi debatido durante o texto, para uma futura reflexão. Aproveite o conteúdo das imagens para visualizar o nosso trabalho em formato visual e se divirta com o nosso *Kit Gay*<sup>8</sup>.

## UM CONTRASTE DA ARQUEOLOGIA COM A TEORIA QUEER

Através das diretrizes traçadas pelas correntes teóricas, não apenas na Arqueologia, mas nas ciências humanas e sociais, em geral dos anos 1960 e 1970 (TRIGGER, 2004). Os estudos científicos corroboravam com uma agenda política completamente segregada, limitada e racista, constituída por homens, brancos, heterossexuais e cis gêneros, agentes de uma perspectiva elitista e burguesa ocidental na tentativa de reconstruir o passado para a consolidação de uma legítima nação (TRIGGER, 2004) nos países colonizados pela Europa, como o Brasil – uma cultura que domina todas as outras vivências culturais, como indígenas ou africanas, legitimada pelo discurso moderno do civilizado. Um Projeto de Modernidade passa a entrar em vigor nestes países, carregando pressupostos e ideais da cultura hegemônica europeia (LUCAS, 2004). Portanto, a ciência arqueológica alinhada à essa agenda passou a assumir uma autoridade de construir narrativas excludentes de uma complexa realidade, composta por múltiplas possibilidades.

A partir dos anos 1980, esse modelo começa a ser lentamente questionado, quando a ciência passa a legitimar algumas narrativas subalternas, como a Arqueologia Histórica que pela primeira vez quebra o silêncio ao admitir estudos no contexto da escravidão

<sup>8</sup> Refere-se ao suposto Kit *doutrinador* a ser distribuído nas escolas da rede pública pelo governo federal, para a expansão da dita *Ditadura Gaysista*. A expressão teve seu apogeu nas eleições presidenciais de 2018. O *Kit Gay*, seria de autoria do PT (Partidos dos Trabalhadores).

(SAMFORD, 1996; AGOSTINI, 1998; SINGLETON, 1999). Logo, arqueólogos ao perceberem o potencial político que a Arqueologia exercia de forma arbitrária, ou não, assumem o dever de elucidar os acontecimentos entre pessoas e coisas, condizentes com sua própria realidade (GONZÁLEZ-RUIBAL, 2008).

Ao colocarmos em pauta uma Arqueologia que possibilite o estudo dos acontecimentos das sociedades e culturas do contemporâneo, isto é, do agora (TRAMASOLI, 2017), abrimos a possibilidade de acompanhar a intensidade que é a vida no tempo contemporâneo (ver COSTA, FONSECA, 2007) suas (in)constâncias, sutilezas e exarcebações. Visando que a Teoria da Decolonialidade levanta a forma como o pensamento colonial se apropria dos nossos entendimentos do ser, saber e poder, falar sobre concepções de gênero e sexualidade marginalizadas é essencial. Nesse aspecto, a Teoria Queer possibilita a execução de uma Arqueologia que traduza como as noções naturalizadas sustentam e repercutem uma hierarquia nos gêneros, acarretando a uma heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2003).

Para que se possa aliviar os anseios daqueles que não possuem o privilégio de interpretar as importantes abordagens reunidas por Judith Butler sobre gênero<sup>9</sup>, fazemos o convite para um breve estranhamento do agora (VELHO, 1987), onde podemos observar duas categorias de gênero consideradas, isto é, o masculino e feminino, que são construídas, no que hoje chamamos de Brasil, através do processo de colonização (TREVISAN, 2018). Assim, necessitamos compreender como a complexidade dos nossos valores de convívio sociocultural, atribuem na consolidação de um sistema patriarcal que, seleciona partes da fluidez presente em nossa cultura, descartando outras possibilidades, negligenciadas a uma realidade subalterna.

Através da resistência de Herculine Barbin<sup>10</sup>, os estudos arqueológicos foram capazes de serem misturados com a Teoria Queer no Brasil, elucidados no trabalho de

<sup>9</sup> O termo gênero possui dois significados: biológico e cultural. Gênero biológico representa uma unidade taxonômica que, no nosso caso, é classificada como Homo. Gênero cultural representa a performance que os indivíduos exercem na sociedade que, no Brasil, se legitima entre homens e mulheres. O gênero cultural, também, se confunde com as possibilidades do sexo biológico (metamacho, macho, intersex, fêmea e metafêmea).

<sup>10</sup> Refere-se a personagem francesa de escritor de mesma nacionalidade Michel Foucault, no livro *Herculine Barbin: o diário de uma hermafrodita* (1983). A figura da personagem é utilizada por Luisa Roedel com o intuito de evocar uma identidade para a/o intersexual sepultado no Cemitério do Bonfim, em Belo Horizonte/MG. O título do trabalho de Roedel é *O silêncio do corpo: Intersexualidade invisibilizada no cemitério do Bonfim* (2017).

Roedel (2017). O peso do discurso naturalista nas normas socioculturais para as capacitações presentes em cada gênero, extrapolam o grau moral de um indivíduo que nasce *intersexo*<sup>11</sup> - de caráter pejorativo, hermafrodita - e, por sua vez, tem o seu destino final no previsto suicídio de Durkheim (1982), em decorrência da pressão social sobre o indivíduo.

Com o extermínio de grande parcela das populações nativas da região, a instalação do poder burguês do século XVII ao XIX deixaram nítidas marcas nos objetos e costumes de nosso passado recente. A precisão em que a cultura dos imigrantes avançava nas áreas mais nobres do trópico (LÉVI-STRAUSS, 1955), desempenhando um papel fundamental entre as características dominantes/subversivas de gênero, que ainda são capacitadas a justificar as moralidades exercidas de nossa cultura no agora (DE BEAUVOIR, 2005). Em específico no século XIX, a categoria de gênero masculina para os nascidos machos, já estava fortemente cristalizada através da definição de um ser que tem seu comportamento – ou performance – representado como homem. As influências geradas pela dialética kantiana (WEBMOOR & WITMORE, 2016), demonstram como a divisão binária dos seres ordenam os papéis sociais que serão exercidos pelos indivíduos, implicando no domínio de uma cultura heteronormativa que se reflete nos significados empregados nos objetos e nas coisas, integrantes de nossos corpos e ambientes (TILLEY, 1994;2014).

Dentre os acontecimentos responsáveis pelo desenvolvimento da teoria feminista na Arqueologia brasileira, destaca-se o trabalho de Lima (1997) – *Chá e simpatia: uma estratégia de gênero no Rio de Janeiro oitocentista* – que analisa a forma como os objetos de louças forjavam um cenário para atividades exercidas por mulheres nas casas burguesas do Brasil, assumindo a responsabilidade de desempenhar pela primeira vez uma cerimônia com maior autonomia. Enquanto o espaço do jantar estava reservado para as brilhantes negociações entre homens, o ritual do chá agregava para a rotina da família o belo estado de delicadeza, conforto e doçura, (re)produzindo a dita solene feminilidade que deve ser carregada por cada mulher, de acordo com as normas patriarcais vigentes.

<sup>11</sup> A intersexualidade é um termo guarda-chuva que descreve a variada condição biológica de pessoas que nascem com anatomia reprodutiva ou sexual e/ou um padrão de cromossomos que não podem ser classificados como tipicamente masculinos ou femininos - isso pode ser visível no nascimento ou tornar-se aparente ao longo da vida. (...) Uma pessoa intersexo pode identificar-se como homem ou mulher ou nenhum dos dois, e vivenciam a mesma gama de orientações sexuais e identidades de gênero que pessoas não intersexuais. (Promotores e promotoras da saúde LGBTQI+ para profissionais no SUS, 2018, p. 12)

Somente com o fortalecimento da terceira corrente feminista, Judith Butler (2003) foi capaz de estabelecer uma crítica que ultrapassava os pressupostos do próprio feminismo, reconhecendo a solidificação do gênero através de performances interpretadas pelas pessoas. Com o propósito, então, de reconhecer os danos socioculturais causados pelos papéis incoerentes nas funções específicas para os homens e para as mulheres, a constante reprodução de uma heterossexualidade compulsória submete todo o histórico vital de um indivíduo a partir de seu corpo biológico, definido em seu nascimento e justificado pelos discursos equivocados de leis da natureza.

Logo, as raízes determinantes na fixação de um gênero (BUTLER, 2003), por consequência, passam a aferir nossas capacidades cognitivas, podemos notar essa repetição traduzida pela imposição de tal padrão, sendo fruto da construção desses dois gêneros e que teoricamente são capazes de representar a multitude de sujeitos, suas identidades de gênero, sexualidades e expressões de gênero. É verdade que só podem existir homens ou mulheres, mesmo quando nos deparamos com muitas bixas<sup>12</sup> por aí? A Teoria Queer, portanto, enaltece o entendimento de um ser humano múltiplo, que quando se afasta de qualquer limite da normatividade, se qualificando como sujeito *estranho*<sup>13</sup>.

Estamos imersos na mistura ontológica de predomínio ocidental, que continua seguindo os padrões e regras coloniais, mediante a substituição da discrepância de um sistema escravista pelo progresso utópico de uma sociedade capitalista. A consequência do aumento de influência da classe burguesa no mundo (ver LIMA, 1996), sobrevivente da modernidade que explora pessoas e terras, para a manutenção e garantia de poder. Logo, a compulsividade de uma ordem hegemônica, acarreta na montagem de um sistema que parte dos pressupostos ocidentais, personificando um domínio que limita as construções do ser, do saber e do poder (MIGNOLO, 2010).

Enquanto os estudos de Simone de Beauvoir (2005) se aproximam da luta contra um saber moral instituídos pelos propósitos e vontades do homem ocidental, Judith Butler (2003) nos possibilita uma leitura que esclarece os equívocos acerca dos entendimentos

---

<sup>12</sup> Aqui definimos "bixas" como um termo que se refere, em suma, a indivíduos com expressões de gênero não "adequadas" as normais sociais que assim os obrigam. No caso, uma correspondência arbitrária a essas expressões e identidades a suas genitálias. Em sua maioria é utilizado para definir, pejorativamente, sujeitos do sexo masculino com expressões afeminadas.

<sup>13</sup> Tradução sugerida para o termo queer.

entre gênero biológico (Homo) vs gênero cultural (homem, mulher: construções do ocidente), onde a expressão do ser passa a se confundir com o sexo considerado normativo (macho, fêmea), mesmo existindo cinco possibilidades de definição para o sexo biológico: metamacho, macho, intersex, fêmea, metafêmea(GONTIJO & SCHAAN, 2017).

## UMA ARQUEOLOGIA TRANSVIADA BRASILEIRA?

Para que, de fato, a ciência possa contribuir com a Teoria da Decolonialidade por uma *descolonização*, é imprescindível que haja maior fluidez entre as disciplinas – uma Arqueologia que extrapole as razões materiais e se assuma como Antropologia; uma Antropologia que se posicione politicamente mediante as imposições que lesionam parte de nossa nação –, afinal, toda a composição sociocultural de um país democrático depende da legitimação jurídica e epistemológica, formatada pela vigente ontologia que segue a agenda da implantação de uma Modernidade.

Um grande exemplo exposto pelas palavras de Damares, Ministra da Cultura que, mesmo envolvida em diversos escândalos como o suposto sequestro de uma criança indígena<sup>14</sup>, utiliza nitidamente as estratégias de terror e pânico, assim como no período de Inquisição no século XV, para controle político das massas que possuem pouco – ou nenhum – acesso a informações de fontes minimamente confiáveis. “Menino veste azul e menina veste rosa”<sup>15</sup>, comentário que traz em pauta as ambiguidades de uma realidade ainda pautada em convenções um tanto quanto coloniais.

O domínio vigente de uma sociedade que é construída com o pensamento binário gera diversas consequências na compreensão do complexo mundo que vivemos, uma vez que as pessoas são hegemonicamente polarizadas, nossas coisas também serão produzidas em função desta própria delimitação. Os objetos dos estudos arqueológicos, isto é, as materialidades, são apenas partes de uma composta norma binária, que se estabelece em função do patriarcado, para a sociocultura. Podemos observar, por exemplo, a forma

<sup>14</sup> Disponível em: <https://epoca.globo.com/damares-apresenta-filha-adotiva-diz-que-nao-sequestrou-ninguem-23682848>

<sup>15</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/menino-veste-azul-menina-veste-rosa-diz-damares-alves-em-video-23343024>

como nossa própria linguística se constitui de maneira impessoal, nos submetendo a uma retratação sexual binária em cada pronome, adjetivo ou artigo que utilizamos na comunicação. As formatações dos indivíduos que fogem dos padrões binários e heteronormativos, acabam por ser negligenciadas através da imposição do pensamento moderno e ocidental.

Sejam as cores ou formatos na costura de nossas vestimentas, temos a marcação do poder em que o objeto exerce para a definição de performances em indivíduos. Logo, o mesmo indivíduo – seja macho ou fêmea – que decidir utilizar uma bermuda ou uma saia, dependerá de sua genitália para o acolhimento ou desprezo no universo cultural normativo. A famosa saia escocesa *kilt*, utilizada de forma normativa pelos machos do país, ilustra detalhadamente a costura de um pedaço, traduzido como uma vestimenta moral que, um macho brasileiro jamais poderia utilizar. Tal exemplificação fora ilustrada por conta de situações particulares aos autores, onde se tem conhecimento de um professor da rede pública de ensino de São Paulo que algumas vezes comparecia as aulas com tal vestimenta e, mesmo se reconhecendo como homem cis gênero e hétero, relatava diversos assédios e agressões que sofria ao sair a locais públicos.

Por reação ao descaso com tais sujeitos<sup>16</sup> queers, fortificam-se resistências para que haja o reconhecimento de uma nova categoria sociocultural, o sujeito Queer que se qualifica como *transviado*, a partir de nossas perspectivas. O termo transviado retoma o cenário da década de 1950 onde o mundo lidava com as feridas ainda recentes de guerras travadas em prol de interesses políticos, econômicos, sociais e culturais específicos de nações ditas centrais. Transviado seria aquele jovem que “transviou-se”, ou seja, interrompeu seu papel como indivíduo em dado lugar na sociedade ao desobedecer às regras estipuladas pelas suas instituições familiares e de Estado, o famigerado rebelde sem causa (LANZ, 2016).

O termo transviado, também foi utilizado como suporte de tradução do filme estrelado pelo galã James Dean, *Rebel Without a Cause* de 1955, vindo a se tornar *Juventude Transviada* no Brasil, retratando a história de um jovem “problemático” que desrespeita sua família e regras sociais. A partir da década de 1950, segundo Lanz em seu Dicionário Transgênero, o termo ganhou notoriedade no país e dessa forma, pessoas que iam contra os padrões de gênero e sexualidade acabavam enquadrados em tal categoria.

<sup>16</sup> “*Sujeite*”: terminação neutra para a palavra *sujeito*, se desvinculando do poder masculino.

Muitas décadas depois, pesquisadores e militantes vêm o utilizando a fim de adaptar e reestruturar as vivências de pessoas subalternas, através da Teoria Queer aplicada à realidade brasileira.

Além do próprio significado que a justaposição das palavras *trans* e *viado* possuem para a comunidade LGBTQI+ ao buscar ilustrar aspectos de gênero e sexualidade de modo geral, o termo transviado resgata sua memória primordial ao satirizar o fato de que indivíduos que se reconhecem como tal são transgressores das regras sociais enraizadas e estruturadas no modo de vida brasileiro desde o estabelecimento de um modo de vida burguês fortemente regrado por “padrões de moralidade e proibidade, pela vida familiar, pela honradez e respeitabilidade, a preocupação com as aparências e com os símbolos de distinção” (LIMA, 1995, p.131). Tal como o termo *queer* aos anglófonos – utilizado como ofensa a todos aqueles que desviam da norma cis-heterossexual – o transviado se apropria do teor negativo e histórico da palavra e a ressignifica, em um sentido de metonímia ao atribuir significados semelhantes a ideias, palavras, objetos que possuem uma relação lógica entre si (SOUZA, 2013), como símbolo de resistência a partir de um modo de pensar e ser que não aceita mais a marginalização.

A falta de um termo chave que englobe todas as identidades que embatem o padrão dicotômico imperioso do *ser*, cunhado na perspectiva ocidental, não pode ser um obstáculo às discussões que vêm sendo (re)estruturadas dentro da academia brasileira e fora dela sobre gênero e sexualidade. De certa forma, não nos deparamos com transviados e transviadas, mas cotidianamente os termos como *viado*, *bicha*, *travesti*, *traveco*, *sapatão* e tantos outros que fogem a nossa lembrança, utilizados como armas que visam manter uma ordem social vigente ao menosprezar e humilhar pessoas que não se enquadram em tal ordem. Independentemente, esses sujeitos estão reunidos pelo amplo “guarda-chuva” que é a Teoria Queer, ou por nossa defesa – e apelo – a Teoria Transviada.

Não se trata de uma nova teoria e nem uma livre tradução da própria *queer*, mas sim um conjunto de ideias acerca de identidades de gênero e sexuais que se articulam livremente a fim de desestruturar noções fortemente naturalizadas e limitantes. Os corpos que são moldados no cenário de um país continental e periférico como o Brasil não correspondem aos mesmos corpos norte-americanos, embora formas de agir, pensar e ser sejam ecoadas todos os dias por aqueles que não só detém o poder capital como o cultural, no sentido que Bourdieu (*apud* SILVA, 1995) aborda como uma subcultura de classe e além

disso um recurso de poder que se sobressai em comparação a outros, como o socioeconômico. Elas chegam as margens globais e imediatamente são ressignificadas a partir de nossas próprias vivências, uma percepção que torne inteligível o turbilhão de imposições que chegam até nós.

Além das próprias singularidades as quais o Brasil discute e lida com assuntos relacionados a gênero e sexualidade – como as informações circulam através de principais veículos de comunicação, ao noticiar a luta contra o espectro imaginário da ideologia de gênero (REIS, EGGERT, 2017); a recepção de Judith Butler no país em 2017, demonstrando o conservadorismo instalado na sociedade, que inviabiliza narrativas reais ao distorcê-las por um véu de justificativas antiquadas, passíveis de superação quando observadas mais a fundo. Esse olhar pode estar a serviço da arqueologia ao entender

“o corpo como sistema de signos que só pode ser decodificado se culturalmente localizado. As construções e significações que o envolvem são distintas e estão imbricadas em diversas tramas de práticas sociais, que variam histórica e culturalmente.” (ROEDEL, 2017, p.78)

e assim, questionar as estruturas de categorias culturalmente construídas a fim de criar um entendimento maior e difundido sobre a pluralidade de performances humanas, afinal “o futuro é sempre construído a partir de percepções que se tem do passado” (GONTIJO & SCHAAN, 2017).

## OFICINANDO

A princípio, nossa oficina começou a ser pensada mediante um trabalho que realizamos na disciplina *Teorias Arqueológicas III*, orientado pelo professor José Alberione do Reis, onde grandes questionamentos foram levantados – como *lugar de fala, representatividade e resistência* –; termos essenciais para a elaboração das oficinas. O intuito da disciplina, de acordo com o *quadro de sequência lógica* do bacharelado em Arqueologia da FURG, foi nos aprofundarmos teoricamente nos preceitos dos trabalhos inaugurados pela teoria pós-processualista no Brasil. O seminário, no qual tivemos nossa primeira experiência relacionada ao assunto, discutiu temáticas diversificadas a partir de trabalhos partidários de novos processos epistemológicos e temáticas como Arqueologia e Sexualidade. E dentre a apresentação de dois textos e uma síntese comparativa, nossos

primeiros slides, encontros frenéticos e derradeiras noites de leituras, resultaram neste artigo.

Conseguimos debater com um público de aproximadamente 80 pessoas, o que nos fora uma surpresa. Foram discutidas ideias que ultrapassam o sólido saber colonial e transitam entre a legitimação da própria existência do indivíduo, isto é, reconhecer a capacidade ambígua na moral de se tornar um ser (DE BEAUVOIR, 2005), amarrando os saberes teóricos de temática *Queer* com a variedade de performances retratadas pelos participantes nas oficinas.

A consolidação da oficina se deu inicialmente durante os debates da semana acadêmica do curso de Arqueologia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), o qual fazemos parte, onde permearam questões coniventes com o assunto central da violência e tantas outras ramificações a partir desse tema. Para tanto, propomos a realização de tal atividade com o intuito de discutir, expor e construir temáticas aliadas a teoria *Queer* dentro do que realizamos e compreendemos como Arqueologia. O suporte para a realização da oficina girou em torno de três eixos metodológicos: informação, construção e sensibilização, onde o apoio dos participantes nas discussões gerais orientou a dinâmica geral da atividade.

Ao mesmo tempo em que o peso da responsabilidade nos rondava em repassar para os participantes, onde a grande maioria escutava pela primeira vez, uma ideia geral da Teoria *Queer* e como ela poderia se articular com a arqueologia, a familiaridade dos rostos, por conta do dia-a-dia nas salas e corredores da FURG, que nos encaravam ali deram a confiança para que a oficina fluísse de modo construtivo e com cada vez mais vozes sendo ouvidas. Os contextos históricos e científicos apresentados inicialmente deram aos participantes uma dimensão para que a teoria *queer* pudesse ser compreendida em suas origens e decorrências. A mescla desta com aspectos rotineiros, sejam eles de modo mais direto ou indireto na vida dos participantes, somou o entendimento de que a teoria *queer*, muito além de fundamentos academicistas, poderia fazer toda a diferença na construção de um novo futuro para o país. Por fim, muitos aspectos metodológicos foram discutidos na aplicação da teoria na arqueologia, desde perspectivas pré-coloniais até o contemporâneo, sempre guiados pela afirmativa que a arqueologia é um instrumento de poder e legitimação.

Além dessa primeira experiência, a qual se constituiu em um espaço de descobertas devido à falta de conhecimento acerca da Teoria Queer dentre a maioria dos participantes. A oficina ainda contou com uma segunda edição realizada na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), onde algumas discussões puderam ser mais aprofundadas devido ao conhecimento prévio da Teoria Queer, expostos por alguns participantes. Apesar desse pequeno detalhe, as oficinas possuíram semelhanças e diferenças frutos de cada indivíduo e suas próprias trajetórias, dentro e fora da academia, que tornaram aqueles momentos únicos enquanto espaços de diálogo e relações sem hierarquias. Qualquer contribuição de opiniões e questionamentos eram válidas no enriquecimento e construção de conhecimentos, exceto quando essas se colocavam como racistas, lgbtfóbicas ou classistas.

Em ambas as edições da oficina, a tentativa foi criar um espaço de entrega, de perguntas, de opiniões e de afeto. Para que sujeitos queer e aqueles que assim não se identificam tivessem a oportunidade de se sensibilizar com as vivências, questionamentos, violências e transgressões. *Informação, construção e sensibilização*. O tripé de sustentação da oficina foi criado com o intuito de não se esvaziar enquanto um espaço de conhecimento científico, e pessoal, mas sim como um caminho para preencher afetivamente e espacialmente o momento. Ao pensar na oficina, enquanto estudantes de graduação e que participam de eventos como esses, nos possibilitamos criar um local de aconchego para todos os envolvidos. Nós tivemos decoração, doces, músicas, risos e lágrimas preenchendo esses espaços, o objetivo era que o máximo de pessoas se sentissem confortáveis a se expor, confrontar, perguntar e de alguma forma repensar suas próprias concepções.

Daí em diante, o fluxo das discussões e conhecimento compartilhados, estruturaram a edição da oficina para uma nova, em outra universidade. Enquanto, em “casa”, ou seja, na FURG, o tom de provocação ao conforto, em muitos momentos quase palpável, em relação a “por que não discutimos isso aqui?” ou “como vamos fazer isso na Arqueologia”. Na UFPel, a atual conjuntura sucedida pelo convite para a realização da oficina, tornou os caminhos enveredados sutilmente diferentes. Na FURG, como já fora comentado, o desabafo foi nosso e de alguns amigos próximos, e sucedeu-se muito pautado em questões teórico-metodológicas de como realizar tais pesquisas. E, na segunda edição, a sensação fora de que os sujeitos transgressores ali, que em eram a maioria do público, queriam e foram ouvidos sobre suas trajetórias de vidas e incômodos. O desabafo enveredou-se através das narrativas pessoais transitando a tantos outros caminhos a serem explorados.

Nosso desafio era o de incomodar e escutar mais do que falar. Esse formato rendeu frutos, aproximação e debates que, pessoalmente, nos marcaram como indivíduos e cientistas. O propósito da oficina, em linhas gerais, fora alcançado porque criou um espaço em que nossas discussões foram embasadas pelo âmago das subjetividades dos indivíduos e do que são as ciências humanas, e não uma discussão de métodos e números por si só, nós entregamos enquanto sujeitos sensíveis e propomos isso em troca aos participantes.



**Figura 1:** Fotografia dos ministrantes da oficina durante sua primeira edição, na Universidade Federal do Rio Grande. Da esquerda para a direita: Natália Tavares, Anderson Gomes e Newan Souza



**Figura 2:** Arte de divulgação da segunda edição da oficina, realizada na Universidade Federal de Pelotas, a convite do Projeto de Extensão Mapeando a Noite: O Universo Travesti e do GEEUR.

## JUVENTUDE TRANSVIADA QUER VIVER

Nós queremos viver. A juventude marginalizada e fora dos padrões quer e merece viver. Aqui, expomos como um dos tripés da nossa oficina, a sensibilização, questão primordial nas batalhas diárias que travamos e para aquelas que pretendemos travar. A sensibilização do outro para as *nossas* mortes, faz-se necessária. Os números de assassinatos e todas as formas de violência não são vazios de significância. Eles dizem o quanto sofremos por transgredirmos padrões e concepções que nos foram impostas como algo a ser seguido, como algo cotidiano. Para Euzébio (2018), em seu trabalho intitulado *Do escuro ao infinito, da oficina ao artigo acadêmico: o pensar a partir das ações de um "pibdiano gay"*, as ciências sociais nasceram com o intuito de pensar o sujeito para com o mundo, e vice e versa, e estas não devem ficar alheias a tais questões.

Para o autor a profusão de identidades e os currículos escolares devem estar relacionados a questões de gênero e sexualidade. Também utiliza dados que comprovam a

marca da violência para com indivíduos LGBTQI+ no Brasil, de acordo com o GGB<sup>17</sup> em 2016 a cada 25 horas um indivíduo pertencente a tal comunidade é assassinada. E, de acordo com a ANTRA<sup>18</sup>, 90% da população trans e travesti está se prostituindo (EUZÉBIO, RODRIGUES, 2017; EUZÉBIO, 2018). Inspirados pelos questionamentos de Euzébio, o fazemos de forma similar na Arqueologia, questionando os motivos pelos quais esses assuntos são desenvolvidos lentamente – quase parando, mas antes sequer existindo – na academia.

Nosso maior pressuposto abriga a necessidade de confrontar aquilo que consideramos familiar, evocando o estranhamento fenomenológico (TILLEY, 1994; 2001; 2014) de nossos corpos em relação a constatação de algumas formas e existências (DE BEAUVOIR, 2005; VELHO, 1987) que são constantemente forçadas ao esquecimento. Enfraquecidas e negligenciadas, essas existências são levadas a resistir, mantendo-se na luta pela sua legitimação.

Os estudos de Simone de Beauvoir e Judith Butler, em específico, foram capazes de apresentar uma nova perspectiva ontológica para o entendimento das nossas categorias de gêneros, estabelecidas desde a coloração da roupa que deverá ser usada pela criança no dia de seu nascimento. Em contraponto das determinações binárias macho/fêmea pré-concebidas aos nossos anseios, a cultura em seu sentido mais amplo, apresenta o misterioso universo em que indivíduos se montam de formas completamente distintas, indicando que devemos nos aprofundar mediante a essas distinções para que, por fim, sejamos capazes de transformá-las em retorno. Assim, ao superarmos os pressupostos e equivocados saberes naturalistas, devemos dar o próximo passo para diagnosticar as corporalidades presentes nas regiões latino-americanas e brasileiras (GONTIJO & SCHAAN, 2017).

Não se pode negar que a fixação da binaridade, relações de gênero e normatização das práticas sexuais desconsideram a (r)existência de uma grande parte da sociedade, que ao serem incapazes de se encaixarem ou serem encaixadas e ditas categorias são marginalizadas em diferentes níveis. Todo o traçado teórico e de vivências que aqui trazemos, reconstituindo nossas trajetórias dentro e fora da universidade (mesmo que

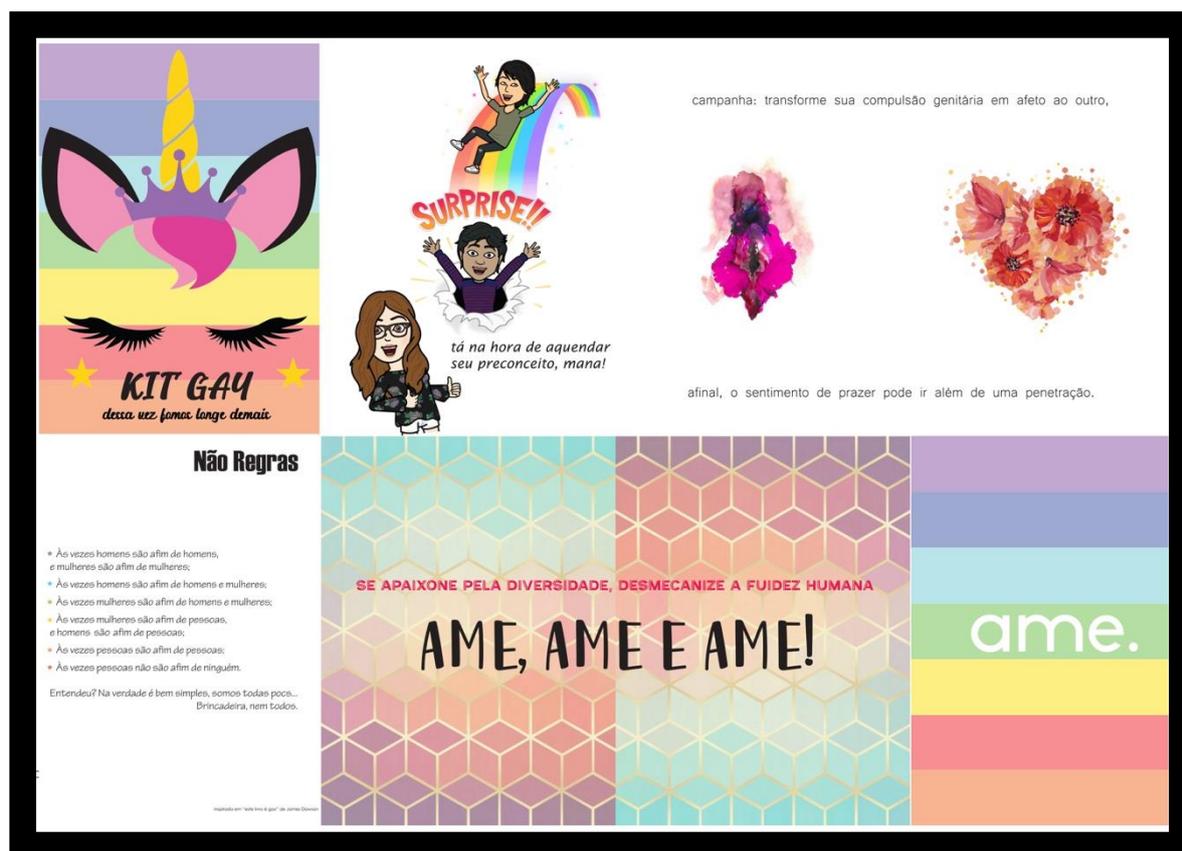
---

<sup>17</sup> Grupo Gay da Bahia

<sup>18</sup> Associação Nacional de Travestis e Transexuais

apenas durante a escrita), é fruto da necessidade da fragmentação de normais coloniais sobre gênero e sexualidade ainda vigentes. Nasceram do inconformismo de uma definição médico-jurídica de nossos genitais ao nascermos, da inconstância de nossas expressões de/e gêneros, de nossas sexualidades e de “tocar” abaixo a violência física, estrutural e epistêmica que sofremos diariamente. De fato, fazemos parte de uma população muito marginalizada, que através de muita luta se aproxima para a conquista de um lugar que garanta a existência dos LGBTQI+. Somos as crianças gays da família que, confusos na ambiguidade de por vezes uma bicha, por outras uma sapatão, clamamos pela admissão que represente os indivíduos transviados.

## O KIT GAY: DESSA VEZ FOMOS LONGE DEMAIS



**Figura 3:** O Kit Gay desenvolvido para a Oficina e distribuído na mesma. Autoria de Anderson Gomes, Newan Souza e Natália Tavares.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINI, Camilla. Resistência cultural e reconstrução de identidades: um olhar sobre a cultura material de escravos do século XIX. *Revista de História Regional*, v. 3, n.2, p. 115, 1998.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Civilização Brasileira, 2003.

[COSTA, L. A.](#) ; [FONSECA, T. M.G.](#) . Do Contemporâneo: O tempo na história do presente. *Arquivos Brasileiros de Psicologia* (Rio de Janeiro. 1979) (Cessou em 2002), v. 59, p. 1-5, 2007.

DE BEAUVOIR, Simone. *Por uma moral da ambiguidade*. Editora Nova Fronteira, 2005.

DURKHEIM, Émile. *O Suicídio - Um Estudo Sociológico*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1982.

[EUZÉBIO, F. A.](#); RODRIGUES, V. B. . Bichas, Guardei no Armário: Youtube e Diversidade Sexual em Sala de Aula. In: SANTOS, Amanda Basilio; MACHADO, Juliana Porto; COLVERO, Ronaldo Bernardino.. (Org.). *Interdisciplinariedade nas Ciências Humanas: Caminhos da Pesquisa Contemporânea*. 01ed.Jagarão: CLAEC, 2017, v. 01, p. 2475-2484.

EUZÉBIO, Felipe Aurélio. Do escuro ao infinito, da oficina ao artigo acadêmico: o pensar a partir das ações de um “pibidiano gay”. In: LEITE, Vanessa Caldeira et al.. (Org). *Pibid-UFPel: a iniciação à docência sob o olhar de sujeitos de diferentes áreas do conhecimento (e-book)*. São Leopoldo: Oikos, 2018.

FOUCAULT, Michel. *Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1983.

GONTIJO, Fabiano de S.; SCHAAN, Denise Pahl. Sexualidade e Teoria Queer. *Revista de Arqueologia*, [S.l.], v. 30, n. 2, p. 51-70, dez. 2017. ISSN 1982-1999. Disponível em: <<https://revista.sabnet.com.br/revista/index.php/SAB/article/view/544>>

GONZÁLEZ-RUIBAL, Alfredo. Time to destroy. Na archaeology of supermodernity. *Current Anthropology*. 49(2): 247-279, 2008.

GONZALO, Almudena Hernando. Sexo, Género y Poder. Bree reflexión sobre algunos conceptos manejados em la Arqueología del Género. *Complutum*. Vol. 18: 167-174, 2007.

LENZ, Leticia. O dicionário Transgênero. In: O corpo da Roupa – Uma introdução aos estudos transgêneros. *Editora Transgente*, 2016. Disponível em: <http://leticialanz.blogspot.com/2016/08/dicionario-transgenero.html>

LIMA, Tânia de Andrade. Chá e simpatia: uma estratégia de gênero no Rio de Janeiro oitocentista. *Anais do Museu Paulista*, p. 93-127, 1997. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5350/6880>

LIMA, Tânia de Andrade. Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX\*. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, II (3): 44-96, Nov. 1995-Feb. 1996. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v2n3/a04v2n3.pdf>

LIMA, Tânia de Andrade. Pratos e mais pratos: louças domésticas, divisões culturais e limites sociais no Rio de Janeiro, século XIX. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, USP X (3), 129-191, 1995. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5321/6851>

LUCAS, Gavin. *Modern Disturbances: On the Ambiguities of Archaeology. Modernism/Modernity*. 11, no. 1 (2004): 109-120. Disponível em: <https://muse.jhu.edu>

MIGNOLO, Walter. *Desobediencia Epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad. Ediciones del Signo*. 2010. Disponível em: <https://www.antropologiadeoutraforma.files.wordpress.com/2013/04/mignolo-walter-desobediencia-epistc3a9mica-buenos-aires-ediciones-del-signo-2010.pdf>

Promotores e promotoras da saúde LGBT para profissionais no SUS /Coordenação geral do projeto: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto Federal do Rio Grande do Sul ; Coordenadores do projeto: Daniel Canavese de Oliveira, Maurício Polidoro; Apoiadores do projeto: Marcos Cláudio Signorelli, Rodrigo Otávio Moretti Pires ; Apoio técnico: Iuday Gonçalves Motta ; Organização do material: Lara Yelena Werner Yamaguchi, Rafael Barcellos. - 2.ed. - Porto Alegre: UFRGS, 2018.

REIS, Toni e EGGERT, Edla. Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. In: *Educ. Soc.*, Campinas, v. 38, nº. 138, p.9-26, jan.-mar., 2017. (p. 16)

ROEDEL, Luísa de Assis. O silêncio do corpo: a intersexualidade invisibilizada no cemitério do Bonfim. *Revista de Arqueologia*, [S.l.], v. 30, n. 2, p. 71-85, dez. 2017. Disponível em: <https://revista.sabnet.com.br/revista/index.php/SAB/article/view/545>

SAMFORD, PATRICIA. Archaeology of African-American Slavery. The William and Mary Quarterly, Third Series, Vol. 53, No. 1, *Material Culture in Early America*, (Jan., 1996), pp. 87-114 .

SILVA, Gilda O. Capital cultural, classe e gênero em Bourdieu. *INFORMARE – Cad. Prog. Pós-grad. Ci. Inf.*, v.1, n.2, p.24-36, 1995

SINGLETON, Theresa A. (Ed.). *"I, too, am America": archaeological studies of African-American life*. Charlottesville: Smithsonian Institution Press, 1999, pp. 21-37.

SOUZA, M.A.T. Por uma arqueologia da criatividade: estratégias e significações da cultura material utilizadas pelos escravos no Brasil. Agostini, Camila (org). *Objetos de escravidão*. Rio de Janeiro, 2013

TILLEY, Christopher. *A phenomenology of landscape: places, path and monuments*. Berg: Oxford, 1994

TILLEY, Christopher. *The materiality of stone*, Berg Publisher, 2004.

TILLEY, Chris. Do corpo ao lugar à paisagem uma perspectiva fenomenológica. *Revista Vestígios*. V. 8, n. 1, 2014.

TRAMASOLI, Felipe Benites. "Haja hoje p/ tanto ontem". *Revista de Arqueologia*, [S.l.], v. 30, n. 1, p. 186-209, jul. 2017. ISSN 1982-1999. Disponível em:  
<https://www.revista.sabnet.com.br/revista/index.php/SAB/article/view/518>

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso - A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 4ª ed, rev., atual. e. amp..- Rio de Janeiro, Objetiva, 2018.

TRIGGER, Bruce G. *História do pensamento arqueológico*. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura*. Editora Zahar, p. 123-132, 1987.

WEBMOORE, T. & WITMORE, C. Coisas são nós! Um comentário sobre as relações humano/coisas sob a bandeira da Arqueologia "Social". *VESTÍGIOS – Revista LatinoAmericana de Arqueologia Histórica*, v. 10, n. 2, 2016.